

Harold Pinter, Edward Dorn, a celebridade e eu

Terry Caesar

[Tradução: Eva Paulino Bueno]

“Por não me conheceres, tú te fazes desconhecido.”
Satã, em *Paraíso perdido*

Um dia, no saguão do Teatro Nacional de Londres eu vi Harold Pinter. Ele não era o tipo de pessoa que alguém identifica logo de saída. Eu parei de andar por um momento, observei o homem sentado em uma cadeira perto de uma coluna, e de repente percebi, “Oh, meu Deus, é o Harold Pinter!” Ele parecia ao mesmo tempo solene e ameaçador por detrás dos óculos grades de moldura negra. Eu desviei a vista quando ele viu que eu estava olhando fixamente para ele.

Idealmente, nós vemos as celebridades, mas eles nunca nos vêem. Por isto é que é tão importante não passar tempo demais na sua presença, quer eles queiram ou não. Uma vez, eu estava com uma mulher em Hollywood. Era o começo da noite. Nós tínhamos acabado de estacionar e estávamos caminhando em direção a Sunset Boulevard. Um homem passou por nós. Um momento depois minha amiga exclamou, “Você viu quem era aquele homem? Era Jack Palance!” Eu encolhi os ombros. Para mim, ele tinha passado perto demais.

Eu talvez tivesse me sentido tentado a perguntar a Jack se ele se lembrava do cenário de um filme nos Estúdios da RKO, uns vinte anos antes. Eu o vi no set, brigando com o ator principal, Robert Mitchum, em um trenzinho atado a cabos, e que tinha sido construído acima de um imenso colchão de ar. Jack Palance parecia como um vilão deveria parecer. Eu tinha treze anos de idade. Naquele momento nunca me ocorreu que Jack Palance era simplesmente um homem fazendo um papel ou que este homem poderia na verdade ser visto passeando pelas ruas.

Hoje tal ignorância é mais difícil de manter. Há mais revistas, mais estações de televisão, e mesmo mais filmes para expandir a noção de celebridade e trazê-la mais próxima das nossas próprias vidas. De fato, as nossas vidas podem ser transformadas em celebridade através da instantânea atenção da mídia. (O que é YouTube senão uma templo para tornar possível tal milagre?) A celebridade não é mais Nós versus Eles, que é uma razão porque é importante a gente guardar os momentos da vida em que genuínas Celebridades ainda aparecem — de repente, irrefutáveis, radiantes.

Quando Elas aparecem, você não tem que discutir sobre a diferença entre, digamos, Harold Pinter e Jack Palance. Nem mesmo a diferença entre Barbara Rush e Glenn Ford. Uma vez eu beijei a filha de Barbara Rush no banco traseiro de um carro, e uma outra vez eu tomei um par de cervejas em uma praia com o filho de Glenn Ford. Como eu cresci em Hollywood, eu até mesmo fui à escola por diferentes períodos de tempo com os filhos de Bob Hope e os de Loretta Young. Mas os filhos nunca pareciam celebridades. Eles eram muito familiares, apenas jovens como eu.

A familiaridade destrói a celebridade mais do que a define. A minha mãe era manicure em Beverly Hills. Uma vez, quando eu vim apanhá-la depois do trabalho, ela estava terminando de fazer as unhas de Ann Margaret. Ann Margaret! Eu queria — o quê? Cair de joelhos na

frente dela? Ao invés de fazer isto, eu caminhei com ela até o seu carro, como minha mãe pediu. Ann Margaret foi muito gentil. Talvez, porque estava escuro, ela não pôde ver como eu estava ruborizado cada segundo até que ela entrou no carro.

Eu não queria falar com Ann Margaret. Eu queria falar aos outros sobre ela, esperando que alguma coisa da celebridade da estrela de cinema de alguma forma passasse para mim. Mas naturalmente isto não faz sentido. Ter estado na presença dela não constituiu nenhum grande feito da minha parte. Mas, da mesma forma, por que é que simplesmente por ter atuado em alguns filmes constitui um grande feito da parte de Ann Margaret? Finalmente, que sentido há na celebridade?

A celebridade não se alimenta de familiaridade. Ela é absolutamente dependente de reconhecimento. Uma vez eu estava em uma pizzaria apinhada de gente no Rio de Janeiro quando uma onda de surpresa e excitação estremeceu os fregueses. Um artista famoso de televisão tinha aparecido. Eu olhei. O jovem parecia não ser diferente de qualquer outro no restaurante. Você não podia *ver* a sua atração sem reconhecê-lo primeiro, e você não podia reconhecê-lo sem antes ter sido um espectador da televisão brasileira. E ainda assim, simplesmente porque esta atração é completamente dependente da visibilidade não quer dizer que uma é reduzível à outra.

O que é celebridade? Algo que nós construímos, tal como uma função dela já tinha sido construída para nós? Uma vez eu vi Warren Christopher esperando um avião, como eu, no aeroporto Charles de Gaulle. Não foi tão emocionante como teria sido se eu tivesse visto o seu Presidente. Eu não fiquei tão deslumbrado como ficaria se eu tivesse visto, oh, Britney Spears — não a Britney Spears “de verdade”, que ainda não tinha nascido uns vinte anos atrás. Quem quer que ela fosse, ela já estava localizada para que eu a visse com uma mistura de surpresa, prazer, admiração, e talvez as três coisas ao mesmo tempo, antes que elas se dissolvessem durante os próximos instantes.

Um dos clichês mais veneráveis sobre a celebridade é que ela é temperamental e efêmera. Assim, quase todos os exemplos que eu mencionei podem ser desconhecidos para os jovens leitores, para os quais, por sua vez, uma completa geração de celebridades pode ter aparecido, e cada uma delas é desconhecida para mim. Algumas talvez sejam artistas de cinema. No entanto, as áreas de música, esportes, e televisão hoje em dia comandam as noções de celebridade. E todos nós agora vivemos em uma “cultura de celebridade”, onde virtualmente todas as categorias da vida cultural — os shows de cachorros, os shows de cozinha — celebram suas próprias estrelas, e esta é a razão pela qual a celebridade nunca pareceu ao mesmo tempo mais arbitrária e mais disseminada.

Eu iniciei com Pinter porque nos últimos trinta anos a literatura tem se constituído a marca da categoria de celebridade para mim. Seria, digamos, interessante, ver Brad Pitt. Mas uma tarde foi muito mais satisfatório ver John Updike. Admito, a presença de Updike estava marcada e foi arranjada. Então ela não teve o sentido de uma erupção violenta que certamente estaria presente se ele fosse Pitt, já que eu não espero jamais vê-lo e, de fato, a sua celebridade é construída não só na base de sua beleza e riqueza, mas na sua distância de qualquer lugar onde eu possa estar. Por outro lado, uma aparição de Updike — como a de Pinter — não seria tão remota.

De fato, como a maioria dos escritores, Updike poderia até passar incógnito entre nós. Eu escutei uma história sobre um outro escritor, Stanley Elkin. Ele entrou num avião, sentou-se, e foi cuidadosamente examinado por uma mulher sentada ao seu lado. “Eu acho que eu conheço você,” ela finalmente exclamou. “Quem é você?” Eu não me lembro o que Elkin respondeu. “Não, você não deve me conhecer?” Brad Pitt gostaria de ver a vida assim tão fácil! Talvez uma das razões porque Pinter começou a me encarar — ou pelo menos isto foi o que ele

parecia estar fazendo — era porque, para ele mesmo, ele achava que não deveria ser reconhecido.

Entre os escritores vivos, talvez Thomas Pynchon seja o que simplesmente não pode ser reconhecido, já que nenhuma foto dele foi publicada desde a sua formatura da faculdade. (Eu nem menciono aqui J. D. Salinger, o qual, embora continue vivo, parece ter morrido há várias décadas.) Nem mesmo o pop star mais reservado pode ganhar de Pynchon no quesito falta de visibilidade! Mas não, de uma maneira ou de outra, de celebridade. Pynchon continua a rechaçar a cultura da celebridade, o que somente atíça aquela cultura a tentar atingir seus intentos com força renovada. Uma foto de Thomas Pynchon como ele é hoje pode talvez valer mais — mesmo na revista *People* — que uma foto de Britney Spears beijando Brad Pitt.

Que Paris Hilton seja aqui o melhor exemplo daquela *reducio ad absurdum* que se obtém na sociedade contemporânea. (Pelo menos Spears e Pitt fizeram *alguma coisa*.) E que Pynchon represente o pólo oposto igualmente absurdo: uma celebridade que é uma celebridade porque ele não é uma celebridade. (A maioria dos escritores em pessoa são meramente irreconhecíveis, desconhecidos.) O resto de nós vive mais ou menos no meio, nossas cabeças virando pra lá e pra cá, movidas pelo escândalo do mês passado ou o espetáculo público do mês que vem, indiferentes ao aparato da mídia que, ou produz celebridades como se fosse uma substância material, ou que vive deslumbrada com este material, comandando absolutamente nenhuma visibilidade de nós mesmos, e vivendo contentes com isto ou secretamente insatisfeitos com a nossa própria obscuridade. Uma coisa é certa sobre a celebridade: seja lá o que for, todos nós estamos *envolvidos* por ela de várias maneiras.

Ênfase na palavra “várias”. Ela nos permite ver tantas diferenças e distinções (entre pessoas, categorias, nações) que parece que a celebridade é finalmente tão interessante porque ela resiste à definição, muito tempo depois que nós a distinguimos de “atenção”, que não dura, e “fama,” que dura muito mais. Mas por que a celebridade é tão interessante? Um outro exemplo: entre acadêmicos no mundo inteiro, Jacques Derrida não era a maior celebridade na ocasião da sua morte? Uma vez, antes de uma apresentação, eu ouvi uma mulher dizer, “Eu não sei quem é Derrida, mas eu gostaria de poder dizer que eu o vi.”

Isto é, a mulher reconhecia Derrida como uma medida da sua própria identidade. Realmente não importava quem este “Derrida” era. O que importava era a autoridade que ele representava. Naturalmente, a autoridade dele tinha conteúdo. (Diferente de uma canção pop.) Mas, em relação ao assunto da celebridade, este conteúdo era, e é, irrelevante. O que é relevante é simplesmente o poder do seu agente. Nós mesmos não temos tal poder em nós. Nós o possuímos somente como uma função de celebrar os outros que tem as requeridas qualidades — de mente ou de corpo, de riqueza ou de status — que nós não temos.

Um último exemplo. Anos atrás eu fiquei apaixonado pela poesia de Edward Dorn. Ele era um autor relativamente obscuro naquele tempo. (Ele está morto agora, e é provavelmente mais obscuro.) Então, numa ocasião eu fiquei surpreso ao ver seu nome no programa de uma conferência literária. Eu decidi assistir a conferência em grande parte para ver Dorn. Mas havia um problema: minha própria apresentação de um trabalho de pesquisa foi marcada exatamente para a mesma hora que Dorn ia ler sua poesia. O que fazer? Eu teria que não ir à leitura de poemas. E foi isto que eu fiz.

No outro dia, a uma certa altura eu vi Dorn sentado sozinho numa mesinha fora de um dos edifícios da conferência. Ela era a mesma figura magra, de roupas amassadas, que eu tinha visto em algumas fotos, e só aparecia agora ainda mais magro, mais amassado, e mais velho. Foi quase irresistível ir até lá e falar com o homem. Para mim, Dorn não representava uma impossível combinação de Updike e Pynchon. E, ao mesmo tempo, talvez ele tenha sido

exatamente isto, porque eu mantive minha distância por um minuto ou dois, e depois me afastei. O homem nunca me viu.

Naquela ocasião, eu refleti que simplesmente não saberia o que dizer a Dorn. Eu conhecia realmente bem a sua poesia? Quanto eu queria conhecer esta poesia, e seu autor? No fim das contas, nós adotamos todos os tipos de atitude em relação a pessoas que nós admiramos, e algumas destas atitudes são baseadas em ignorância e fantasia. Agora eu sinto, porém, que há alguma coisa mais. Para poder construir estes admiráveis outros como celebridades, nós não só temos que conservar nossa distância deles, mas também reconhecer o que eles têm como algo que nós não temos.

Eu não escrevo poesia. Mas eu sempre desejei fazê-lo. Eu não tive o tipo de vida profissional “criativa” — vários contatos, circunstâncias de ensino diferentes — que Dorn teve. (Anos mais tarde eu li uma biografia dele e entendi algo da dor e da alegria de sua vida.) Mas eu sempre desejei que eu pudesse. Antes do instante quando eu poderia ter falado com o homem real, eu estava vagamente consciente de como Edward Dorn contrastava comigo. Mas não foi antes daquele momento que eu percebi quanto poder eu tinha dado a ele, e não é até o momento em que escrevo esta sentença final que reconheço o quanto eu tinha conseguido construí-lo como uma celebridade.